

**BARTHES E BENVENISTE:  
UMA POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO PELA LÍNGUA**

**Aline Wieczikowski Rocha<sup>1</sup>  
Claudia Toldo<sup>2</sup>**

**Resumo:** Neste texto, propomo-nos construir uma interface entre Roland Barthes e Émile Benveniste, uma vez declarada a admiração de Barthes pelos trabalhos do linguista da enunciação. A relação Barthes-Benveniste estabelece-se pela pertinência dos pressupostos teóricos enunciativos – as possibilidades que o sujeito constrói na e pela língua –, que são incorporados ao pensamento barthesiano e acompanham muitas de suas reformulações. A enunciação e a possibilidade de o homem apropriar-se do sistema da língua e enunciar-se, marcando-se como sujeito de seu dizer, aproximam esses pensadores da linguagem e de seu funcionamento.

**Palavras-chave:** Barthes. Benveniste. Língua. Enunciação

**PRIMEIRAS PALAVRAS**

Nossa reflexão nasce pela estima ao texto barthesiano *Por que gosto de Benveniste* – a primeira parte publicada em 1966 e a segunda em 1974, nos *Essais de linguistique générale*, compilados em *O rumor da língua* (2004). Como o próprio título refere, Barthes inscreve em seu projeto escritural sua admiração ao trabalho intelectual de Benveniste. Soma-se a essa feição o discurso professoral exposto na *Aula Inaugural da Cadeira de Semiologia Literária no Collège de France* (1977-2013). Nela, Barthes referencia/reverencia Benveniste em seu discurso e permite-nos, singelamente, olhar para esse ato enunciativo e discorrer sobre a percepção de uma inscrição teórica nas questões do emprego da língua.

Barthes arquiteta sua *Aula* em pilares que partem da reverência à Instituição que ora o acolhe, passando ao fundamento do poder, que está intrínseco à língua, em seguida, sustenta o caráter da literatura no terreno da

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras, linha de pesquisa *Constituição e interpretação do texto e do discurso*, pela Universidade de Passo Fundo; bolsista CAPES. E-mail: aline.wiec@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Curso de Letras e do PPGL da Universidade de Passo Fundo. Doutor em Letras, bolsista PQ-CNPq. E-mail: claudiast@upf.br

linguagem, e, por fim, traça a sua articulação semiológica. É este o percurso que veremos na primeira parte deste trabalho.

Do artigo que ampara nossa tentativa de aproximação entre essas duas forças intelectuais presentes na história da linguística, tomaremos a fala de Barthes sobre a originalidade da obra de Benveniste e como Barthes a recebe.

Faz-se importante considerar que o *corpus* barthesiano versa muitas questões e objetos. Percorrer minimamente os índices de suas obras permite ao leitor encontrar trabalhos que envolvem a linguística, o estruturalismo, a semiologia, a psicanálise, a epistemologia e tantos outros campos do homem e da cultura. Nossa observação será restrita – falta-nos a sua grandeza frente a tantos objetos – ao domínio da linguagem, espaço em que podemos presenciar um discurso para além da ciência linguística, o do reconhecimento e zelo a um trabalho ainda pouco desbravado. Barthes reconhece e zela por seu linguista do livro da enunciação. Nós esperamos aqui poder articular o diálogo teórico, ainda que brevemente e sem perder a relevância do objeto, desses pensadores.

## **1 A AULA: UM ENCONTRO DO SUJEITO NA LÍNGUA**

A *Aula Inaugural* tem sua singularidade discursiva. Em sua apresentação ao *Collège de France*, Barthes mostra-se desviante dos quadros tradicionais de pesquisa, razão pela qual interroga sua presença nesse espaço acadêmico onde reinam a ciência, o saber, o rigor e a invenção disciplinada (2013, p. 8) e expõe seu sentimento de alegria merecida, não de honra, já que esta pode ser imerecida. No amor declarado a autores presentes ou passados pelo *Collège* – Michelet, Jean Baruzi, Paul Valéry, Maurice Merleau-Ponty, Émile Benveniste, Michel Foucault –, remontam-se as contribuições intertextuais do seu fazer intelectual. Sua posição de professor nessa cadeira dá-lhe outra alegria: “a de entrar em

num lugar que pode ser dito rigorosamente: *fora do poder*" (2013, p. 9). Está posta a liberdade de seu discurso.

Barthes toma para si a linguagem como o objeto em que se inscreve o poder, mais precisamente em "sua expressão obrigatória: a língua" (2013, p. 13) já que para ele a linguagem é uma legislação e a língua seu código. Brilhantemente, em toda sua reflexão sobre a língua como o desempenho de toda linguagem, Barthes considera a língua fascista, pois obriga a dizer. Sendo assim, a língua fica a serviço de um poder. Desse modo, sua reflexão sobre as implicações do poder – as trapaças da língua e a sua percepção fora do poder – perpassam e definem o papel da literatura. É a prática de escrever, neste "tecido dos significantes que constitui a obra", que ele visa, "porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso portanto dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto" (2013, p. 17). Isso revela a crença de Barthes numa revolução permanente da linguagem (a literatura) que permite ouvir a língua fora do poder, sendo isso possível pelos atos de trapacear com a língua e trapacear a língua.

Assumindo o ponto de vista da linguagem, Barthes coloca em cena a contraposição de certo discurso da ciência, que toma o saber como um enunciado, mas que, para ele, na escritura é uma enunciação. Momento caro ao nosso intento discursivo, pois é nesta cenografia que Barthes faz ecoar as leituras de Benveniste:

O enunciado, objeto habitual da linguística, é dado como o produto de uma ausência do enunciador. A enunciação, por sua vez, expondo o lugar e a energia do sujeito, quicá sua falta (que não é sua ausência) visa ao próprio real da linguagem; ela reconhece que a língua é um imenso halo de implicações, de efeitos, de repercussões, de voltas, de rodeios, de redentes; ela assume o fazer ouvir um sujeito ao mesmo tempo insistente e insituável, desconhecido e no entanto reconhecido segundo uma inquietante familiaridade [...] (2013, p. 21).

É latente em seu discurso a manifestação e a necessidade de envolver o que é da ordem da língua. Assim, Barthes se reencontra com o dizer benvenistiano, precisamente na asserção de que a língua é o próprio social; derivante da desconstrução da linguística a semiologia, a sua *semiologia*. A problemática da significação herdada de Saussure e tão discutida por Benveniste também é apresentada em Barthes, pode-se dizer que pela própria representação da singularidade significativa da literatura. Respeitados os fundamentos saussurianos, na representação dos signos, uma vez que “deu à semiologia coragem para começar” (2013, p. 32), Barthes lança sua redefinição de semiologia e investe um olhar à língua ativa, observando que “língua e discurso são indivisos, pois eles deslizam segundo o mesmo eixo de poder” (2013, p.32), tanto o são que Benveniste chama língua-discurso.

A semiologia barthesiana, após refletir os seus (dis)sabores (pois de um lado nascida para ativar a crítica social, e de outro uma mistura de má-fé), tem seu retorno no Texto, já que “contém nele a força de fugir infinitamente da palavra gregária (aquela que se agrega), mesmo quando nele ela procura reconstituir-se; ele empurra sempre mais longe” (2013, p. 36). O autor assume a defesa de uma semiologia literária. Em seu ensino, o método tomará como objeto a linguagem – nela está o discurso do poder com o qual Barthes trabalhará numa intenção de “‘manter’ um discurso sem impor. [...] Pois o que pode ser opressivo num ensino não é finalmente o saber ou a cultura que ele veicula, são as formas discursivas através das quais ele é proposto” (2013, p. 45). Barthes encerra sua *Aula* metaforizando a semiologia e o seu ensino, é a recorrência da imagem de uma criança que brinca em torno da mãe, suas descobertas, seu ir e vir, que são fundados no desejo e no afeto. É esse o desejo do professor, renovar a cada novo ano no *Collège* a pesquisa e, sobretudo, o desaprender para instaurar o que chama de *nuovavita*.

A *Aula* de Barthes é um exímio exemplo de seu tom professoral. Mestre no engendramento das palavras, tece discursivamente a maturidade do seu percurso pesquisador, é o gosto de suas palavras que tornam seu saber *profundo* e *fecundo*. Sua narrativa de força o coloca não como *sujeito impuro*, conforme sua denominação, trata-se de raridade encontrar mais puro, sábio, rigoroso e disciplinado pensamento como o que podemos testemunhar em sua célebre *Aula Inaugural*.

Lançada a interrogativa hipotética e investigativa do pensamento barthesiano, no *aqui* e no *agora*, e subscrevendo-nos afeiçoadamente pelo conteúdo de sua *Aula*, acreditamos que poderia Barthes percorrer seu olhar pela instância do discurso, seu objeto de estudo poderia ser a língua/linguagem e sobre essas questões poderia dialogar com seu respeitável linguista: Benveniste. Passemos, então, a este diálogo.

## **2 BARTHES E BENVENISTE: QUAL A RELAÇÃO?**

Se iniciamos este texto mencionando a *Aula Inaugural* da Cadeira de Semiologia Literária do *Collège de France* o fizemos por entender o valor dessa Instituição aos trabalhos de Barthes e Benveniste, que, eruditos e ávidos pelo conhecimento, puderam proferir, em distintos momentos, a Palavra no *Collège*, e consolidar sua referência no campo dos estudos da linguagem. Barthes nomeou *Aula (Leçon)* e deixou registrado esse momento magistral de sua vida. Benveniste, nos arquivos de registros de suas *Últimas Aulas no Collège de France 1968 e 1969 (2014)*, brinda-nos lindamente com a organização de seu plano de aula. Não nos deteremos na discussão dessa obra benvenistiana, mas cumpre registrar as observações dos organizadores e pesquisadores desse valioso texto, o qual nos remete ao contexto histórico e humano da arte de ensinar. Dizem eles:

os papéis de Benveniste correspondentes ao curso de 1968-1969 se apresentam em uma pasta de papelão [...], cada uma com a inscrição manuscrita de Benveniste: "Collège de France, 1968-1969, Problemas de linguística geral", seguida do número da aula (circulado em vermelho), bem como, às vezes, a indicação "aula" e a data (BENVENISTE 2014, p. 80).

Barthes anuncia trabalhar por sua semiologia em sua apresentação ao Collège, Benveniste dedica-se à enunciação de sete aulas para falar da linguística, para falar da língua, para falar de *semiologia*. Segundo os registros dos pesquisadores,

[...] da aula I à aula 7. Nós o intitulamos "Semiologia", pois se trata do tema predominante indicado pelo próprio Benveniste. Nele, o professor traça a história da noção do sentido em linguística e mostra a necessidade de uma teoria sobre isso: indica o modo como se distingue de Saussure, afirmando a relação teórica entre as noções de *semiótico* e de *semântico* ( 2014, p. 83).

Nesse contexto, se desejamos iniciar algum traço de relação entre Barthes e Benveniste comecemos pelo fato de serem *professores*, problematizadores das questões de linguagem, singulares em seus registros e corajosos em seus discursos.

Os problemas de linguagem remontam a um período fértil de discussões e Barthes, assim como Benveniste, pertencem a esse momento histórico. O texto de Barthes Por que gosto de Benveniste dedica-se a explorar e explicitar justamente essa relação de Benveniste com a linguística e o fundo social da linguagem. Barthes assume a premissa de que Benveniste é linguista das línguas, e não apenas um linguista da linguagem. Então, quando Barthes anuncia nesse texto "A atual preeminência dos problemas de linguagem" está manifestando sua leitura face aos artigos de Benveniste, cuja compilação delineiam seus Problemas de Linguística Geral I e II que trazem pertinentes questionamentos sobre os problemas da linguística, sublinhando incansavelmente uma reflexão sobre a sociedade que fala, que é sociedade precisamente porque fala (BARTHES, 2004, p. 211). Essa postura

revela uma noção de extrema relevância em Benveniste: a enunciação, tratada por Barthes como trabalho de vanguarda.

Olhar para o texto barthesiano dirigido a Benveniste é ter ciência do cuidado e da profundidade com que manuseia essas discussões. Barthes compreende a presença do homem na língua, a antropologia da linguagem constituída por Benveniste. Evidenciemos essa passagem: “Ora, a linguística é difícil de expor, dividida entre uma especialização necessária e um **projeto antropológico** que está começando a ter explosiva manifestação” (grifo nosso, 2004, p. 207). É no texto de 1965, *A linguagem e a experiência humana*, que Benveniste registra a presença do homem na língua:

Todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modo constante. As formas que revestem estas categorias são registradas e inventoriadas nas descrições, mas suas funções não aparecem claramente senão quando se as estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso. São categorias elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem (PGL I, p. 68).

Barthes evidencia todo o percurso dos estudos de Benveniste, observando que seus primeiros textos descrevem a linguística atual, por tratarem da arbitrariedade do signo, da função da linguagem na descoberta freudiana, dos níveis da análise linguística. Caracterizando como “pontos cardeais do espaço linguístico”, os demais artigos de Benveniste sistematizam um trabalho em torno da *comunicação, estrutura, significação, pessoa* – esta considerada decisiva em sua obra, conforme Barthes – e alguns estudos do *léxico*. Nas palavras de Barthes: “Esse livro não satisfaz apenas a uma demanda atual da cultura: vai à frente, forma-a, dirige-a. Em resumo, não é apenas um livro indispensável; é também um livro importante, inesperado: é um belíssimo livro” (2004, p. 208-209).

As leituras dos textos benvenistianos, por parte de Barthes, conduzem-no à discussão sobre a noção de pessoa, daí a referida evidência de que esta categoria é a decisiva de sua obra, será ela também a forjar a estreita relação desses autores. Observe-se a articulação barthesiana:

Benveniste fundamenta linguisticamente, quer dizer, cientificamente, a identidade do sujeito e da linguagem, posição que está no cerne de muitas pesquisas atuais e que interessa tanto à filosofia quanto à literatura; tais análises indicam, talvez, a saída para uma velha antinomia, mal liquidada: a do subjetivo com o objetivo, do indivíduo com a sociedade, da ciência com o discurso (2004, p. 210)

Barthes resgata da linguística a problemática noção de sujeito e, a partir dela, possibilita seu redesenho. Desse modo, não se é possível mais pensar em um sujeito fora da linguagem. É Benveniste quem o constitui **na** e **pela** linguagem e pertencente a uma instância de discurso. Barthes coloca em cena a noção mais profunda e profícua que Benveniste estruturou: a enunciação: “ela é o ato, renovado, pelo qual o locutor toma posse da língua (apropria-se dela, diz com justeza Benveniste): o sujeito não é anterior à linguagem; só se torna sujeito na medida em que fala;” (2004, p. 211-212). Assim esse projeto antropológico ganha significação: é **na** linguagem que o homem se constitui e se propõe como sujeito.

A leitura minuciosa e a atenção ao percurso teórico de Benveniste resultaram em profundas modificações em descrições conceituais de Barthes. É, portanto, a crença nos fundamentos enunciativos que aparece incorporada aos seus trabalhos e revitalizam muitas de suas percepções no campo da literatura, na sua escritura. Então, a enunciação está para Benveniste assim como a escritura está para Barthes, esta, porém com uma marca enunciativa, já que a escritura se dá pela via dos signos, mas requer ela o “lugar e a energia do sujeito” – presença/ausência – e dela tornam-se possíveis tantas outras relações discursivas. Na acepção barthesiana, a obra de Benveniste não é repetível, está registrada na originalidade de seu dizer. Sua criticidade e obstinação por seus objetos de investigação, figuram-no



como “um linguista das línguas, e não como apenas um linguista da linguagem” (2004, p. 211).

Roland Barthes e Émile Benveniste – pensadores da linguagem. Esses homens viram nos estudos da linguagem uma forma de trazer à tona a possibilidade de se considerar a vitória sobre o poder que enclausura a língua – escrita do texto, e a figura do homem como sujeito de seu dizer. Isto os aproxima: a perspectiva de ver a língua tomada por um eu que se coloca como sujeito de seu dizer. Vê a linguagem em seu interior. Nas palavras de Barthes: “Benveniste – e aí está o seu êxito – toma a linguagem nesse nível decisivo em que, sem deixar de ser plenamente linguagem, recolhe tudo aquilo que estávamos habituados a considerar exterior ou anterior a ela” (2004, p. 209).

E ainda, Barthes assume que ao trabalhar com Benveniste e seus textos (que nunca são simples artigos), é possível reconhecer uma singular generosidade de um homem *nos assuntos mais particulares, mais improváveis. Lemos outros linguistas (afinal, é preciso), mas gostamos de Benveniste* (2004, p. 213), um linguista que trata da linguagem com genialidade e traz à arena das discussões linguísticas conceitos como língua, linguagem, enunciação, subjetividade e por que não dizer do poder que esse sujeito sabe que revela ao usar ou *trapacear* a língua.

## **PALAVRAS FINAIS**

Este espaço, marcadamente final, permite-nos algumas considerações. O horizonte teórico de Benveniste modifica e influencia muitos campos dos estudos da linguagem e Barthes faz reverberar esse fazer da pesquisa benvenistiana. Sem dúvida, muitas são as grandezas de Barthes, mas chama-nos especial atenção a sua nobreza em descrever, com tamanho respeito, as leituras e os autores que contribuíram e, por isso, constituíram sua trajetória intelectual.

Somos conscientes dos riscos aqui corridos: o da leitura resumida e o da nossa interpretação sobre esses autores; porém não poderíamos ignorar a estrutura dialógica *eu-tu/ele* emergente na escritura barthesiana. Assim, os sentidos são possíveis nas palavras de Barthes pela sua natureza, por pertencerem a esse movimento de interlocução: *é um homem falando com outro homem que encontramos no mundo*, eis a acepção enunciativa. A obra de Barthes bem pertence ao tesouro da língua e dela inúmeros objetos investigativos tornam-se possíveis. Barthes-Benveniste nesta relação dialógica tornam-se um signo ainda mais valoroso e potencial de pesquisa às ciências que se ocupam da linguagem.

Barthes e Benveniste são autores de múltiplas leituras, se deles gostamos é imperativo a releitura de seus escritos. E toda vez que os revisitamos nos colocamos à cena enunciativa única e irrepetível, há sempre o novo nesses mestres. Um novo que se (re)constrói a cada vez que nos debruçamos sobre seus escritos, sobre suas reflexões, sobre ELA que nos identifica e nos faz sujeitos de nossa própria enunciação: a língua.

### **BARTHES AND BENVENISTE: A POSSIBILITY OF DIALOGUE THROUGH THE LANGUAGE**

**Abstract:** In this paper, we propose to build an interface between Roland Barthes and Émile Benveniste, since declared Barthes's admiration on the work of linguist of the enunciation. The Barthes-Benveniste relationship is established by the relevance of enunciative theoretical assumptions – the possibilities that the subject builds on and for the language –, which are incorporated into the Barthesian thought and follow many of its reformulations. The enunciation and the possibility of man to appropriate of the language system and enunciate, marking himself as the subject of his saying, approach these thinkers to language and its working.

**Keywords:** Barthes. Benveniste. Language. Enunciation

### **REFERÊNCIAS**

BARTHES, Roland. Por que gosto de Benveniste. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 207-213.

\_\_\_\_\_. Escrever, verbo intransitivo? In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 13-25.

\_\_\_\_\_. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. *Últimas aulas no Collège de France (1968-1969)*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.